

REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

PRIMEIRO ANNO

— N. 4. —

ABRIL DE 1875

A Loucura.

(Vide Revista de Março, pag. 77)

Não escrevendo nós somente para os entendidos em anatomia, parece-nos ter cabimento certos detalhes n'estes artigos. Fallá-mos do cerebro, do diaphragma, do coração, naturalmente ainda havemos de nos referir a esses órgãos, conseguintemente passemos á discrevel-os. Nada mais facil quando temos á mão o dictionario de Medicina e Cirurgia de P. H. Nysten.

O que o vulgo chama miolos é ao que os anatomistas chamam encephalo ; isto é, o encephalo é toda a massa contida no interior do craneo. O cerebro, propriamente fallando, é uma porção d'essa massa que occupa inteiramente a parte superior e anterior da cavidade craneanea ; assim como, chama-se cerebello a porção posterior e inferior da mesma massa.

O cerebro, propriamente dito, estende-se da frente as fossas (*) occipitales superiores ; apoia-se, pela frente, sobre as abobadas orbitarias ; por detraz, sobre as fossas medias da base do craneo, e posteriormente, sobre o tendilhão do cerebello. A face superior d'este órgão está dividida em duas partes, por uma scisura mediana profunda, chamadas *hemispherios cerebraes*, que se reúnem em suas bases pelo *corpo calloso*. Apresenta á superficie grande numero de eminencias sinuosas, arredonda-

(*) Escavação larga e mais ou menos profunda, porém tendo a entrada mais rasa do que funda. As fossas tomam differentes nomes conforme a situação d'ellas; assim ha *fossas nasaes*, *fossas palatinas*, etc.

das, onduladas, chamadas circumvoluções cerebraes, separadas por sulcos sinuosos chamados anfractuosidades.

O cerebello está situado nas fossas occipitales inferiores, justamente acima do cerebro e do qual é separado por uma dobra da dura-mater chamada *tenda do cerebello*. É um órgão symétrico e regular; continúa por diante com o cerebro e a medulla vertebral, pelo meio da protuberancia cerebral; uma junctura o discrimina em dois lobolos ou hemispherios cerebraes, perfeitamente semelhantes, collocados sobre um plano horizontal. Em sua superficie exterior apresenta uma serie concentrica de laminas espessas, separadas por sulcos onde se introduz a *pia-mater* e sobre as quaes passa a arachnoide. A face superior do cerebello é coberta pela dobra da dura-mater indicada acima. A face inferior offerce no meio uma depressão destinada a alojar a origem da medulla espinhal. As partes lateraes do cerebello apresentam uma superficie convexa arredondada onde se distinguem muitas dobras concentricas em relação com as fossas accipitales inferiores. O cerebello offerce adiante uma depressão que abrange a protuberancia cerebral e a medulla vertebral atraz d'elle ha outra depressão que abrange-lhe a fouce. No interior nota-se o quarto ventriculo, cujas paredes são formadas pelo cerebello, a protuberancia cerebral e a medulla vertebral. Cortando verticalmente os lobolos do cerebello, vê-se uma disposição particular das substancias medullar e cortical; são misturadas por fórma tal que representam as ramificações chamadas a *arvore da vida*. As arterias do cerebello são fornecidas pela arteria basilar; as suas veias vão confinar nos seios da dura-mater. O cerebello está para o cerebro, em peso, na razão de 1 para 8 ou 9. O cerebello tem a mesma composição anatomica que o cerebro.

Se não fosse a conveniencia de sermos positivos n'estas aridas discripções anatomicas, evocaríamos n'este momento o Espírito de algum poeta para que nos viesse auxiliar, agora que vamos fallar do órgão mais decantado por elles — o coração; porém dispensando-nos do soccorro dos imaginativos por excellencia, pedimos desculpa as amaveis leitoras por não termos dado em primeiro logar a discripção do ponte onde Bichat, no corpo humano, collocou a séde das paixões.

O coração é um órgão conoide, ouco e muscular; o seu tamanho é igual, nas pessoas adultas, ao volume de uma mão fechada. Está encerrado na parte média do peito, um pouco a esquerda, alojado entre as duas pleuras e envolvido pelo pericardio. Esse órgão é o principal agente da circulação do

sangue. E' achatado em suas duas faces, sendo uma d'ellas convexa e ao mesmo tempo superior-anterior e direita, e a outra posterior-inferior e esquerda. Essas duas faces são excavadas por um sulco longitudinal que divide (sem separar) o coração em duas partes. Interiormente também o coração é separado em duas ametades, quasi semelhantes, arrimadas entre si, e divididas cada uma em duas cavidades chamadas, uma *ventriculo* e outra *auricula*. O coração apresenta, pois, dois ventriculos, um *direito* ou *pulmonar*, outro *esquerdo* ou *aortico*, e duas *auriculas* que sobrepujam cada uma um dos ventriculos e communicam com esse. Todas essas cavidades são lisas, polidas e tapetadas por uma fina membrana, muito adherente ao tecido muscular; porém ellas offerecem anfractuosidades formadas por feixes d'esses tecidos mais ou menos salientes. As auriculas apresentam, pela parte superior, um pequeno prolongamento achatado e oco chamado *appendice auricular*, e uma cavidade principal chamada *seio*. No senu da auricula direita se anastomosa, pela parte de cima, a veia cava superior; pela parte de baixo e mais atrás, a veia cava inferior que é provida de uma valvula chamada *valvula d'Eustachi*; abaixo d'essa valvula está o orificio das duas veias coronarias e das cardiacas. Na auricula esquerda se anastomosa posteriormente as veias pulmonares esquerdas. A separação que divide as auriculas e que impede que entre ellas haja comunicação, apresenta inferiormente do lado da auricula direita uma depressão superficial chamada *fossa oval*, e na auricula esquerda uma pequena dobra semi-lunar. Em cada auricula o orificio auriculo-ventricular, isto é, a abertura que estabelece a comunicação entre a auricula e o ventriculo correspondente, é guarnecido de uma valvula: a do orificio auriculo-ventricular direito é chamada *valvula triglochina* ou *tricuspidata*: a do orificio auriculo-ventricular esquerdo é chamada *valvula mitral*. Na cavidade de cada ventriculo, grande numero de feixes musculares conhecidos com nome de *columnas carnudas*, levantam a membrana interna ou apenas prendem-se a substancia do órgão pelas extremidades; alguns dão nascimento a uma multidão de pequenos tendões que se fixam á borda da valvula collocada ao orificio auriculo-ventricular correspondente. Perto d'esse orificio, vê-se, no ventriculo direito, a embocadura da arterea pulmonar; no esquerdo, a da arterea aorta. Cada uma d'essas artereas é provida, em sua origem, de tres valvulas chamadas, por causa da fórma, *valvulas cignoïdes* ou *semi-lunares*, cuja borda livre apresenta no meio um pequeno tuberculo de con-

sistencia semi-cartilaginosa, chamado *tuberculo d'Aranzi*: essas valvulas, quando estão em baixo, fecham completamente a abertura arterial.

Passemos á descrever o diaphragma. Esse órgão é um musculo impar, achatado, quasi circular, carnudo em sua circumferencia, aponevrotico (*) no centro, que fórma a separação entre o thorax (**) e o baixo ventre. Suas fibras nascem do appendice external, do contorno cartilaginoso das seis ultimas costellas, do *ligamento cintrado*, aponevrose estreita que se dirige da extremidade da ultima costella para a apophyse transversa da primeira vertebra lombar; emfim, completamente atraz da base do apophyse transversa da primeira vertebra lombar e do corpo das tres ou quatro primeiras vertebra da mesma região, por tantas outras digitações tendinosas. As fibras carnudas provém d'essas digitações que formam pelas suas reuniões as *pilastras* ou *pernas* do diaphragma, as quaes dobram-se mutuamente formando um feixe. Os dois feixes de communicações entrecruzam-se de fórma tal que deixam duas aberturas: uma, *superior*, collocada mais adiante e atravessada pelo esophago (abertura esophagiana); outra, *inferior* situada mais para traz e mais a esquerda, que dá passagem aorta e o canal thoraxico e á veia azygos (abertura aortica). Todas as fibras assim nascidas da circumferencia do thorax, vem inserir-se a uma aponevrose central chamada *centro phrenico*, *centro tendinoso*, *nervoso*, *aponevrotico*, que se tem comparado a uma folha de trevo, cujos tres foliolos fossem dirigidos para diante, e que, para atraz, em lugar do pedunculo, offercesse uma chanfradura. Entre as porções médias e rectas do centro phrenico acha-se o *annel diaphragmatico* que dá passagem a veia cava inferior. Alguns anatomistas chamam ao centro aponevrotico — a *cabeça* do diaphragma, e as pilastras de *pés* ou *cauda*. O diaphragma se contrahindo abaixa-se, augmenta a cavidade toraxica e permite o pulmão dilatar-se; conseguintemente age como inspirador. Quando se contrahe com força, póde comprimir transversalmente a base do peito, e então é expirador.

Todas as pessoas que tiverem visto abrir-se um animal, um leitão por exemplo, devem ter observado que uma grande pelle separa, o figado, os bofes ou pulmões e o coração, das tripas; é essa grande pelle que os anotomistas chamam diaphragma, e que acabamos de descrever.

(*) Aponevroses são membranas brancas, luzentes, muito resistentes.

(**) O que vulgarmente chamam caixa do peito.

Os alienados muitas vezes queixam-se soffrer do estomago, tanto assim que, mais de um alienista o tem dado como sede d'essa enfermidade em certos casos ; assim como a outros orgãos, que ainda mesmo que tivessemos necessidade de fallarmos n'elles não o fariamos. O estomago, porém, póde ser descripto....

O estomago é o orgão principal da digestão : é um reservatorio musculo-membranoso, sustido de um lado pelo esophago e de outro pelo duodenum ; está collocado abaixo do diaphragma, occupando o epigastro e uma parte do hypochondro esquerdo. Distingue-se n'esse orgão dous orificios : um superior, chamado *cardia* ; outro inferior, chamado *pyloro* : duas bordas ; uma concava, chamada *pequena curvatura* ; outra convexa, chamada *grande curvatura*, etc. Basta n'este artigo, de enfastiarmos o leitor com discripções anatomicas.

Os alienistas reconhecem que o phenomeno do sonho, é de vantagem para melhor comprehensão da loucura. Permittam que digamos parodiando-os : sem o conhecimento da loucura, não se póde bem comprehender as paixões humanas ; consequentemente, não se póde bem estudar o que se chama humanidade ajuizada. O que vemos nos loucos e o que vemos nos ajuizados ? Dir-vos-hemos que, em uns e em outros, os mesmos erros, as mesmas paixões e até os mesmos infortunios. Se tomardes um hospicio de alienados para vosso theatro de observação, haveis de convir que n'elle enchergaes um mundo semelhante ao que tendes no meio social em que viveis, notando apenas que lá os quadros desenham-se com côres mais vivas, que os effeitos são mais energicos, porque n'aquelle estado o homem mostra-se em toda sua nudez, não se auxilia da hypocrisia para occultar suas paixões, seus defeitos, suas torpesas.

Cedamos a palavra a Esquirol : « As casas dos loucos têm seus deuses, seus padres, seus fieis, seus fanaticos : têm seus imperadores, seus reis, seus ministros, seus cortezãos, seus ricos, seus generaes, seus soldados e um povo obediente. Um acredita-se inspirado por Deus e em communicação com os Espiritos celestes, encarregado de converter a terra ; outro possesso, entregue á todos os tormentos do inferno, geme, desespera, maldiz o céu, a terra, e até a sua propria existencia. Um audacioso e temerario, commanda a todo o universo e faz guerra as quatro partes do mundo que as submetteu ás suas leis, ou que as libertou das cadêas do despotismo. Outro, orgulhoso do nome com que se appellida, desdenha seus companheiros de

infortunios, vive só, affastado, e conserva uma seriedade tão triste quão futil. Este, em seu rediculo orgulho, acredita possuir a sciencia de um Newton, a eloquencia de um Bossuet e exige que se applauda as producções do seu genio, que elle as apresenta com pretensão e comica confiança. Aquelle outro, não se abala, não faz o minimo movimento; sempre no mesmo lugar, na mesma posição, não profere uma unica palavra; tornar-se-o-ha por uma estatua; vive concentrado, sua inacção o mata. Deseccado pelo remorso, arrasta os fracos restos de uma vida que apenas se sustenta; maldiz-se, evoca a morte, como termo dos males que o acabrunha. Perto d'elle, aquelle homem que nos parece feliz e gozar de toda sua razão, calcula com sangue frio o ultimo instante de sua ultima hora; prepara com calma e mesmo alegre os meios de cessar a vida. Esse desgraçado, dia e noite, tem os olhos e ouvidos alerta; a obscuridade, a luz, o silencio, o ruído, o movimento, o repouso, tudo o espanta e o aterra; tem medo de si mesmo. Quantos terrores imaginarios devoram os dias e as noites d'esse lypemaniaco! Se d'elle nos affastamos, causamos-lhe impressão dolorosa, inquieta-se, agita-se, exaspera-se, torna-se furioso, acredita-se trahido, perseguido e deshonorado; a necessidade de conjecturar e de odiar faz com que elle veja inimigos por toda parte: em sua desabrida vingança, não poupa a pessoa alguma. Aquelle outro, ludibria com o disvario de sua sensibilidade e com a exaltação de sua imaginação que o irrita; está em estado habitual de cólera, quebra, despedaça, rasga, tudo quanto cahe debaixo de suas mãos; grita, ameaça, bate, sempre allegando justo motivo de suas desordenadas acções. Aquelle que vêdes, encerrado, é um fanatico que vocifera, blasfema e condemna aos fogos do inferno; pretende converter os homens: é pelo baptismo do sangue que os quer purificar; já sacrificou dois dos filhos.»

« Esse insensato, na fervente explosão do seu delirio, é de uma petulancia incoercitivel; parece prestes á commetter as maiores desordens, porém não prejudica a pessoa alguma. Vêr a arrebatada actividade d'este, acreditarieis que algum grande interesse o anima, que seu destino depende de suas marchas; na irregularidade de seus movimentos, empurra, acotovéla tudo que o cerca, deita por terra tudo quanto encontra diante de si; persegue-vos e obseda-vos com sua parolagem inesgotavel; com palavras em torrentes, nada diz, nada pensa. Aquelle outro, arrebatado pela satisfação, passa a vida a regosijar-se, ri continuamente; entretanto, o que pôde excitar sua alegria, o que

póde elle esperar? Não tem lembrança alguma do que se passou na vespera, desejo algum para o dia seguinte. . . . Em uma casa de loucos estão quebrados os laços sociaes; os habitos mudados, as amizades cessam, a confiança fica destruída; age-se sem consciencia, prejudica-se sem odiar, obedece-se pelo temor; cada um tem suas idéas, suas affeições, sua linguagem; não tendo communhão de pensamentos, cada um vive só, e para si; o egoismo isola todos. A linguagem é exagerada, falsa, desordenada, como os pensamentos e as paixões que exprimem. Um semelhante asylo não é exempto do crime: denuncia-se, calumnia-se, conspira-se, entretem-se a mais estúpida libertinagem, viola-se, assassina-se; os filhos maldizem os pais, as mães degolam os filhos. »

«Penetrando mais longe, vêmos o homem decaído da ordem, que o colloca á frente da criação, despojado de seus privilegios privado do que ha de mais nobre em seu character, reduzido a condição da mais estúpida e vil das creaturas. Não pensa, não tem idéas, não tem paixões; nem mesmo as determinações do instincto. Não podendo prover a sua subsistencia, incapaz de aproximar dos seus labios os alimentos que a ternura benéfica lhe apresenta; rolando em seu proprio esterco; exposto á todas as influencias exteriores e destructivas; raras vezes reconhece seus semelhantes, não tendo o sentimento de sua propria existencia. »

Aprendeí leitores, se já não o sabeis, a conhecer as paixões da humanidade nos infortunios dos loucos.

(Continúa.)

Natureza das communicações.

Não obstante termos no artigo sobre as *differentes naturezas de manifestações*, dito alguma coisa sobre as *communicações*, não importa que de novo repitamos o que já ficou dito, tanto mais quando este artigo é mais explicito em relação aquelles topicos. Assim, todo effeito que revela em sua causa, um acto espontaneo da vontade, por mais insignificante que seja indica uma accção intelligente; verbi-gratia, o movimento de uma meza respondendo ao nosso pensamento, ou apresentando um character intencional, póde ser considerado uma manifestação

intelligente. Se n'isso ficassemos os resultados a obter seriam muito insignificantes ; essa insignificancia, porém, nos mostraria que em tal phenomeno ha alguma cousa além de uma acção puramente material. Entretanto, o phenomeno toma proporções táes que são de grande interesse pratico para a vida humana. E' por meio d'elle que podemos conseguir a troca continua de pensamentos com os individuos de além tumulo, e que conseguimos obter verdadeiras communicações hoje em dia, os meios ao nosso alcance são táes que nos permitem obter muito extensas, muito rapidas, e tão explicitas como as que podemos entreter entre os homens.

Tendo em vista a *escala espirita*, temos tambem a infinita variedade que existe entre os Espiritos, em relação a intelligencia e moralidade ; consequentemente, podemos conceber a diversidade de communicações. Assim, pois, as communicações reflectem a elevação ou a baixeza das idéas dos Espiritos que se communicam connosco, e por ellas podemos avaliar o gráo de saber ou de ignorancia d'elles, bem como o gráo de bondade ou de perversidade; porque, é preciso não perdermos de vista que, o simples facto de um individuo deixar sobre a terra o corpo, não vai ser sabio de prompto no mundo dos Espiritos, nem torna-se anjo tendo apenas deixado o corpo de malvado que éra como encarnado. O leitor fará uma idéa aproximada da variedade das communicações, desde que reflecta sobre o que se passaria buscando conversar com todas as classes dos habitantes da terra. Em todo caso, a variedade infinita de communicações, pódem ser classificadas em quatro cathogorias principaes de harmonia com seus caracteres mais salientes. Temos, pois, communicações, *grosseiras*, *frivolas*, *sérias* e *instructivas*.

As *communicações grosseiras* são as que se traduzem por expressões, que chocam a civilidade. Essas só nos pódem vir dos Espiritos de baixa classe, empregnados de impuresas materiaes, não fazendo diflerença alguma da conversa habitual dos homens viciosos e extremamente grosseiros. Communicações táes repugnam á todas as pessoas que possuem, mesmo de leve, certos sentimentos delicados ; porque ellas são, conforme o caracter do Espirito, triviaes, obscenas, insolentes, perfidas e mesmo impias.

Communicações frivolas são as dadas pelos Espiritos levianos, brincadores e traquinas, mais malignos do que perversos, e por isso não tomam ao sério o que dizem. Como esses Espiritos não são indecentes em suas communicações, algumas pessoas

divertem-se com elles, por isso que as intretém com certas futilidades espirituosas. Algumas vezes esses Espiritos no meio de seus ditos banaes, deixam escapar verdades bem duras que férem precisamente alguns dos que os ouvem. Infelizmente esses Espiritos populam em torno de nós, e buscam por todos os meios intrrometer-se nas communicações ; a verdade, é o que menos cuidado dá a elles ; mystificam o quanto pódem aos que têm a fraqueza e muitas vezes a presumpção de acreditar em suas communicações. Os individuos que se comprazem com communicações de tal ordem, estão sujeitos á serem victimas dos Espiritos levianos, e á não poderem entrar depois em communicações com os Espiritos sérios.

Communicações sérias distingue-se já pelo assumpto, já pela fórma por que são feitas. Assim, toda communicação excluindo a frivolidade e a grosseria e que tem um fim util, ainda mesmo debaixo do ponto de vista das conveniencias particulares, é sempre séria, porém nem sempre é exempta de erros ; porque, nem todos os Espiritos sérios são igualmente esclarecidos ; muitas causas são ignoradas por elles, resultando d'essa ignorancia enganos de bôa fé ; é por isso que, os Espiritos verdadeiramente superiores recommendam-nos constantemente que submettamos ao confronto da razão e da logica a mais severa as communicações recebidas.

E' preciso, pois, distinguir as communicações *sérias-verdadeiras* das communicações *sérias-falsas*. Não é facil essa discriminação ; podemos mesmo dizer que é um dos maiores escolhos do Espiritismo pratico. Certos Espiritos presumpçosos ou falsos sabios servem-se de uma linguagem para fazerem prevalecer idéas absurdas, e muitas vezes assignam as suas communicações com nomes venerados, para mais illudir aos que as recebem. Apesar da grande difficuldade em se fazer essa discriminação, contudo ha meios para se reconhecer a verdade, o que mais tarde daremos, quando tratarmos dos meios de nos prevenir contra as falsas communicações.

As *communicações instructivas* são as communicações sérias que têm por designio principal, um ensino qualquer dado pelos Espiritos, sobre sciencias, sobre a moral, sobre philosophia, etc. São mais ou menos profundas, conforme o gráo de elevação e de *desmaterialisação* do Espirito. Para tirar-se d'essas ordens de communicações fructo real é preciso que ellas sejam regulares e seguidas preseverantemente. Os Espiritos sérios alliam-se aos homens que desejam instruir-se e os ajudam ; ao passo que, abandonam aos Espiritos levianos os

que buscam as manifestações como um meio de distracção passageira.

Só a continuidade, a frequencia regular, nos póde assegurar o valor moral e intellectual do Espirito que se communica conosco. Muitas vezes o proprio que entra em communicação com um Espirito, por si, ou por meio de um *medium*, é o menos habilitado para distinguir se está ou não sendo mystificado.

Toda communicação *instructiva* deve ser verdadeira, porque desde que ella não está com a *verdade*, não póde ser instructiva, ainda mesmo que seja dada na mais eloquente linguagem. Não devemos, pois, classificar na cathegoria das communicações instructivas certos ensinos dados debaixo de uma fórma emphatica, linguagem empolada, e que só n'isso constitue a seriedade d'ellas. São communicações essas dadas pelos falsos sabios da erratecidade, que por esse meio buscam melhor illudir; felizmente, esses Espiritos não têm grandes conhecimentos, e por muito tempo não sustentam o seu papel; deixam-se trahir desde que se tornam regulares em suas communicações e quando ha quem os aperte, e os observe debaixo do ponto de vista positivo e não poetico.

No nosso grupo de estudos, tivemos occasião de observar um d'esses falsos sabios da erratecidade. Dizia-se Espirito protector do *medium*; dava communicações para cura de molestias, muitas vezes convenientes; outras vezes punha, com os seus receituarios, um medico nosso amigo em verdadeira confusão. Principiou o nosso amigo á desconfiar do Espirito que se communicava com o tal *medium*, e desde então começou á pedir explicações ao Espirito; este negava-se á dar. Se o nosso amigo insistia, o *medium* estomagava-se. Reconhecemos finalmente que o falso sabio mystificava o *medium* e queria mystificar-nos tambem.

Batido pelo nosso amigo, reconhecido por outras pessoas do nosso grupo, o falso sabio, leva o *medium* ao desespero, obseda-o á ponto de fazer com que elle se retirasse de junto de nós.

Acontece muitas vezes que um individuo começa recebendo boas communicações, e que mais tarde vê-se-o debaixo da acção de um Espirito mystificador.

Esse facto se acha comprehendido nas duas hypotheses seguintes: ou o Espirito que se communicava a principio era um bom Espirito, ou era um falso sabio, um hypocrita. No primeiro caso, perguntará o leitor, como deixou um bom Espirito o *medium*?

Os homens são imperfeitos, e descuidam-se em extremo da sua perfeição moral. Nas épocas ou momentos em que o homem

reflectindo interiormente consigo, reconhece os seus vícios, as suas imperfeições, attrahe à si um Espirito benevolo para o aconselhar, para suggerir-lhe pensamentos puros, quer tenha elle consciencia ou não da existencia dos seres invisiveis. Um individuo em tães condições, se conhece o Espiritismo, se como *medium* procura receber communições, essas communições são boas, são instructivas. Muitas vezes essa época passa-se, esses momentos rapidos como o pensamento desaparecem diante da resolução tomada anteriormente de corrigir suas imperfeições.

Desde então, surdo as boas inspirações do Espirito benevolo, segue o homem as intuições que lhe suggere o máo e perverso da erratecidade.

No segundo caso, o homem não reflectio sobre as imperfeições de sua alma e como *medium* julgou descobrir nas evocações um meio de dar pasto a sua vaidade, a sua ambição, por isso teve desde logo communições, não de um Espirito benevolo, porém de um falso sabio, de um mystificador.

Theoria da presciencia.

Como é possível o conhecimento do futuro? Compreende-se a previsão dos acontecimentos que se prendem ao estado presente, mas não dos que não têm relação alguma com elle, e muito menos parece comprehensivel aquelles que se attribue ao acaso. Vulgarmente diz-se as causas futuras não existem; acham-se ainda no nada; como saber que hão de acontecer? Entretanto, exemplos assás numerosos das predicções realisadas forçam-nos á concluir que ha n'isso um phenomeno cuja chave não se possue, por isso que, não ha effeito sem causa. E' essa chave que vamos investigar, e é o Espiritismo, chave de tantos mysterios, que nos vai mostrar aquella, fazendo vêr ao mesmo tempo que as predicções não estão fóra das leis da natureza.

Tememos um exemplo nas cousas usuaes, para servir de comparação, que fará comprehender o principio que passamos á desenvolver.

Supponhamos um homem collocado no cimo de uma elevada

montanha de onde possa devassar toda a extensão de uma grande planície. Em uma tal situação, o espaço de uma legua será pouca cousa, e facilmente poderá abranger com um olhar todos os accidentes do terreno, desde o começo até o fim do caminho traçado na planície. O viajante que percorre pela primeira vez esse caminho, sabe tão somente que andando chegará ao fim: eis a previsão d'elle em virtude da sua marcha; porém os accidentes do terreno, as subidas e as descidas, os rios a atravessar, os bosques a passar, os precipícios em que póde cair, os ladrões emboscados para o assaltar, as casas hospitaleiras em que poderá repousar, tudo é independente d'elle; tudo é para elle desconhecido, tudo é futuro, porque sua vista não se estende muito além. Quanto á duração, elle a méde pelo tempo que gasta percorrendo o caminho, tirai-lhe os pontos de comparação e a duração desapparecerá. Para o homem que se acha no alto da montanha, e que com a vista segue o viajante, tudo é para elle presente. Supponhamos que esse homem desce da montanha e vai ter ao viajante, e diz-lhe: em tal momento encontrareis tal cousa, sereis atacado e soccorrido, predirá o futuro; o futuro é para o viajante; para o homem da montanha esse futuro é o presente.

Affastando-nos do circulos das cousas puramente materiaes, entrando pelo pensamento no dominio da vida espiritual, veremos esse phenomeno produzir-se em maior escala. Os Espiritos desmaterializados acham-se como o homem do alto da montanha: a extensão e a duração desapparecem para elles. Porém a extensão e a penetração de sua vista acham-se na proporção de sua pureza, da sua elevação na jerarchia espiritual; são, em relação aos Espiritos inferiores, semelhantes ao homem munido de um poderoso telescopio ao lado d'aquelle que apenas tem os olhos. Os Espiritos inferiores têm circumscripta a vista, não só porque difficilmente pódem se affastar do globo em que se acham, como porque a grossura do seu perispirito encobre as cousas afastadas, a semelhança de um nevoeiro diante dos olhos do corpo.

Compreende-se, pois, que conforme o gráo de perfeição, possa um Espirito abraçar um periodo de alguns annos; de alguns seculos e mesmo de milhares de annos; porque, o que vem ser um seculo em presença do infinito? Os acontecimentos desenrolam-se diante da vista do Espirito elevado como diante dos olhos do homem que está na montanha desenrola-se os accidentes do caminho á planície. O Espirito elevado, vê simultaneamente o começo e o fim do periodo; todos os aconteci-

mentos comprehendidos n'esse periodo são futuros para o homem na terra, ao passo que para o Espirito elevado é presente. Póde, pois, um Espirito n'essas condições vir com certeza nos dizer: « Tal cousa acontecerá em tal época; porque, semelhante ao homem que está na montanha, vê o que aguarda o viajante no caminho; se não o faz, é porque o conhecimento do futuro, em geral, prejudica ao homem, embaraçando o seu livre arbitrio; paralisando-o nos trabalhos que deve realizar para seu progresso; o bem e o mal que o aguardam, sendo desconhecidos, são provações para elle.

Se uma tal faculdade, mesmo restricta, póde-se encontrar na creatura, qual não deve ser a potencia d'ella no Creador, que abrange o infinito? Para Deus o tempo não existe; o começo e o fim dos mundos, tudo para elle é presente. N'esse grande, n'esse immenso panorama da criação universal, o que vem á ser a duração da vida de um homem, de uma geração, mesmo de um povo?

Entretanto, devendo o homem concorrer para o progresso geral, devendo certos acontecimentos resultar de sua cooperação, em certos casos especiaes póde ser util ter aviso d'esses acontecimentos, para que prepare as sendas e esteja alerta para agir quando fôr occasião. E' por isso que Deus permite algumas vezes que o canto do véo levante-se; porém só para fim util e não para satisfazer a fantasia curiosa. E, uma tal missão póde ser dada, não á todos os Espiritos, visto que, muitos ha que enxergam menos no futuro do que os homens, mas a alguns Espiritos sufficientemente adiantados para esse fim. Ora, deve-se notar que essas sortes de revelações sempre são feitas espontaneamente, e nunca, a não ser excepcionalmente, em resposta a uma pergunta directa.

Uma missão póde ser encarregada a um homem, e eis de que maneira:

Aquelle a quem é confiado o cuidado de revelar uma cousa occulta póde recebê-lo sem saber por meio da inspiração dos Espiritos que a conhecem, os quaes a transmittem machinalmente, sem a explicar. Sabe-se, de mais, que, quer durante o somno, quer no estado de vigilia, nos êxtasis da vista dupla, a alma desprende-se e possui em gráo mais ou menos elevado as faculdades do Espirito livre. Se é um Espirito adiantado, se tem principalmente, como os prophetas, recebido uma missão especial para certo fim, goza, nos momentos que tem a alma emancipada, da faculdade de abranger, mesmo por si, um periodo mais ou menos extenso, e vê, como se fossem presen-

tes, os acontecimentos d'esse periodo. Póde então de prompto revelar, ou conservar memoria quando despertado d'aquelle estado. Se os acontecimentos devem ficar em segredo, perderá a memoria d'elles ou apenas conservará uma vaga intuição, bastante para o guiar instinctivamente.

E' assim que se vê essa faculdade desenvolver-se providencialmente em certas occasiões, nos perigos eminentes, nas revoluções, e que quando a mór parte das seitas foram perseguidas, vio-se entre ellas numerosos *videntes*; é ainda por isso que, se vê os grandes capitães resolutamente marcharem contra o inimigo, tendo a certeza da victoria, e que homens de genio, semelhantes a Christovão Colombo, persistiam em um designio, predizendo por assim dizer, o momento em que o havia de atingir; é que elles enxergaram esse fim, é que para o seu Espirito não estava incognito.

O dom da predicção é tão natural, como é uma multidão de outros phenomenos; elle repousa sobre as propriedades d'alma regida pela lei das relações entre o mundo visivel e o mundo invisivel que o Espiritismo o torna conhecido.

Esta theoria da presciencia talvez não resolva de uma fôrma absoluta todos os casos que póde apresentar a revelação do futuro, porém não se póde deixar de acceital-a como estabelecendo o principio fundamental.

Muitas vezes, as pessoas dotadas da faculdade de prever, no estado extatico ou somnambulico, encheram desenharem-se os acontecimentos como em uma tela. Esses factos, póde-se tambem explicar, em certos casos, pela photographia do pensamento. Um acontecimento estando no pensamento dos Espiritos que trabalham para a realisação d'elle, ou no proprio pensamento dos homens, cujos actos devem o provocar; esse pensamento atravessando o espaço como os sons atravessão o ar, póde desenhar a imagem, para o vidente; porém a realisação do acontecimento podendo ser apressada ou retardada por muitas circumstancias, elle vê a cousa, sem poder precisar o momento da realisação. Muitas vezes esse pensamento póde não passar de um projecto, de um desejo, sem ter seguimento; d'ahi os erros frequentes em relação a realisação dos factos e das datas nas previsões.

Para comprehender as cousas espirituaes, isto é, para fazer d'ellas uma cousa tão clara, como a que fazemos de uma paizagem que se ache adiante dos nossos olhos, falta-nos rigorosamente um sentido, exactamente como falta ao cego o sentido que faz comprehender os effeitos da luz, das côres e da vista sem o contacto. Assim, é apenas por um esforço de imaginação

que lá podemos chegar, auxiliando-nos com as comparações tiradas das cousas materiaes que apenas podem dar idéas imperfeitas das cousas espirituas ; é pois preciso não tomar ao pé da letra essas comparações, e julgar, verbi-gratia, que a extensão das faculdades perceptíveis dos Espiritos prendam-se a sua elevação effectiva ; isto é, que tenham necessidade de acharem-se sobre uma montanha ou sobre as nuvens para abranger o tempo e o espaço.

A faculdade da presciencia é inherente ao estado de espiritualisação, ou de desmaterialisação; isto é, que a espiritualisação produz um effeito que se póde comparar, posto que muito imperfeitamente, ao da vista do homem que se acha sobre a montanha abrangendo um certo contorno. Esta comparação tem simplesmente por fim mostrar que acontecimentos que se acham no futuro para uns, acham-se no presente para outros, e podem assim serem preditos, o que não implica que o effeito se produza da mesma fórma.

Para gozar d'essa percepção, o Espirito não tem necessidade de se transportar a um ponto qualquer do espaço ; aquelle que está sobre a terra, ao nosso lado, póde possuil-a em sua plenitude, tanto como se estivesse a mil leguas, ao passo que nós nada vemos além do horisonte visual. A vista dos Espiritos não se produz da mesma fórma, nem por meio dos mesmos elementos que a dos homens ; o horisonte visual d'elles é diverso do nosso ; ora, é precisamente ahí que nos falta o sentido para o conceber ; *o Espirito ao lado do encarnado, é como os que enxergam ao lado dos cegos.*

(Continúa.)

Os irmãos Davenport.

O *Paiz*, jornal do partido progressista portuguez, que se publica em Lisbôa, em seu NOTICIARIO de 14 de Fevereiro d'este anno relata o que vamos transcrever :

« IRMÃOS DAVENPORT.— Estes celebres artistas, tendo chegado a Lisbôa de passagem para Hespanha, desejaram exhibir os seus trabalhos mysteriosos perante os membros da imprensa, reunidos n'uma casa onde se não podesse suspeitar que haviam disposto mecanismos e artificios. Pediram-nos para que a reunião tives-

se logar n'uma sala d'esta redacção ao que promptamente deferimos para ter o gosto do receber os nossos estimados collegas. »

« Effectivamente hontem, ás 8 horas da noite, os irmãos Davenport, acompanhados pelo seu gerente e interprete, o Sr. Turnour, apresentaram-se aos seus convidados, mais de cem pessoas, e deram começo aos seus assombrosos trabalhos, fazendo-se amarrar solidamente aos bancos de um armario. Foram amarrados pelo Sr. Alfredo Ribeiro e pelo nosso collega Antonio Ennes, de modo que não podiam mover nem os pés nem as mãos, e verificou-se que no armario, que ainda está n'esta casa e que vimos montar, não havia fundo falso nem nenhum outro artificio. »

« Uma vez atados, collocaram-se dentro do armario e fóra do alcance do corpo dos artistas, violas, pandeiros, uma rebeca, duas campainhas, e tratou-se de lhe fechar as portas. Ainda não estavam fechadas, e logo se produziram phenomenos singulares. Um dos pandeiros saltou por cima de um dos convidados, que se curvara para correr um fecho, e na parte superior do armario appareceu uma mão, sem se saber de quem fosse nem quem havia feito saltar o pandeiro. Encerrados finalmente os Davenport, começaram os instrumentos que tinham ficado junto d'elles a tocar, percebendo-se que se agitavam lá dentro, e apparecendo a espaços por um buraco mãos que se moviam e tocavam campainhas. Ter-se-iam desatados os artistas? Parece que não, porque repentinamente abriu-se o armario e todos puderam observar que elles estavam ligados e immoveis. »

« Fizeram-se varias experiencias para se averiguar se elles se soltavam. Encheram-se-lhes de farinha as mãos que tinham fechadas e presas atraz das costas, porque não poderiam abril-as sem entornar pó nem entornal-o sem ficarem vestigios, e todos houveram de crêr que realmente se não tinham movido. O Sr. Eduardo Coelho fechou-se com elles no armario, segurando-os de modo que não podessem fazer o menor movimento sem que elle o percebesse, e ouviu os instrumentos tocarem, mudarem de posição, volteiarem-lhe em roda da cabeça; sentiu uma mão roçar-lhe na cara, e assegurou aos circumstantes que os Davenport tinha estado quêdos e sempre atados. Uma vez vio-se sahir pela fresta do armario uma casaca, e no mesmo instante abriram-se as portas e apparece um dos artistas em mangas de camisa e ligado de fórma que não podia despir-se. Este cobriu-se então com o fraque de um dos espectadores: aberto outra vez o armario achou-se que o fraque se vestira no corpo do que estava de casaca, e que a casaca d'este estava vestida no que

antes se mostrára em mangas de camisa, parecendo, todavia que nenhum soltara os braços.

« Na segunda parte da sessão, os irmãos Davenport, tendo posto de parte o armario, sentaram-se junto d'uma meza, pozeram a sala em completa escuridão, tendo dado, por diversos meios, a certeza — ao menos a certeza apparente — de que se não moveriam, e os instrumentos tocaram e voaram em diversas direcções, percebendo-se o seu vôo porque tinham sido untados com um liquido phosphorescente e porque bateram na cabeça de alguns espectadores. Este phenomeno extraordinario produziu viva sensação, e ficou incomprehensivel para todos a sua causa, bem como a causa occulta que produzia os sons musicaes dentro do armario, trocava o fato, fazia apparecer mãos de que se não adivinhavam os braços, e determinava mais outras manifestações não menos singulares, que seria longo enumerar. »

« Não temos a pretensão de saber ou de suspeitar sequer de qual essa causa seja : contentamo-nos com descrever o que vimos ; e assegurar que no armario, que representa papel importante nos trabalhos dos irmãos Davenport, não ha nenhum artificio, porque tendo-o elles deixado em nosso poder, confessamos o que temos visto, revisto e examinado, sem descobrir cousa que infunda suspeita. O certo é que o que elles fazem é maravilhoso, e capaz de fazer crêr em bruxedos ou em poderes sobrenaturaes a quem fôr crendeiro : como o fazem, só elles poderão dizel-o, e ainda não houve em nenhuma parte do mundo quem o adivinhasse, apesar de não ter faltado quem os observasse com olhos de lynce. »

« São muito variados, segundo nos consta, os trabalhos que elles hão de apresentar ao publico no theatro do Gymnasio, e estamos convencidos de que hão de produzir sensação, correspondente ao desejo que ha de vê-los, desejo tão grande que já estão tomados grande parte dos logares no theatro, para as tres recitas que elles annunciam. Assim devia ser, porque em todas as cidades onde tem apparecido houve extraordinaria concurrencia aos seus espectaculos, e tanto se tem fallado dos irmãos Davenport, que se occupam d'elles, como de raridades, alguns livros de sciencia. »

Os phenomenos inexplicaveis pelo orgão da imprensa portugueza, são hoje de pouca importancia para a sciencia espirita, e explicados por todos que tiverem ligeiros conhecimentos da intervenção dos Espiritos no mundo corporeo. Entretanto, se nos occupamos com os irmãos Davenport, é para tornal-os conhecidos dos nossos leitores.

Esses dois irmãos chamados artistas pela folha portugueza, nada têm do que a arte requer como attributo, principiando por serem inteiramente passivos nas manifestações d'aquelles phenomenos singulares para muita gente, por isso que, sendo mediums de effeitos physicos, o principio intelligente d'elles não toma parte; é o fluido perispiritual d'elles que posto em jogo pelos Espiritos produz os phenomenos que acima ficam relatados.

Os irmãos Davenport são conhecidos desde a sua infancia como mediums aptos para a producção d'aquelles phenomenos. Na biographia d'elles escripto pelo doutor Nichols, medico Inglez, vemos que são filhos da cidade de Buffalo no Estado de New-York, e que antes de serem conhecidos na Europa, já haviam adquirido reputação nos Estados-Unidos, como mediums na altura pouco mais ou menos do celebre Home.

Os irmãos Eddy, mediums notaveis.

Vevey, hôtel Monnet, 18 de Dezembro de 1874.

Meu caro senhor Leymarie :

Eis aqui a traducção bem como o original do artigo de um jornal americano não espiritualista. Trata dos celebres irmãos Eddy, dos quaes tanto fallaram no correr do ultimo outono, o *Spiritualist* e o *Medium*.

« O testemunho de Brown, « o lector do pensamento », que visitou a morada, em Vermont, dos irmãos Eddy, parece condensar ainda mais as trévas com que se envolvem as manifestações dos spectros que n'ella se produzem.

« Brown transpoz o umbral da casa debaixo da impressão de serem Eddy charlatães : deixou-a confessando que n'ella havia um mysterio do qual não podia dar explicação.

« Brown, suppondo que os pretendidos Espiritos entravam por uma janella do quarto, obteve a permissão de visitar á fundo a localidade. Cobrio, pois, a janella com gaze de mosquito-preto prendendo os cantos com cêra de Hespanha, sobre a qual callocou o sinete do seu anel. Examinou minuciosamente em

seguida o quarto, que achou não ser cousa diversa de um quadrado fechado por paredes de taipa, sem porta escusa, nem alçapão algum. Ainda mais, collocou nas fendas do assoalho alfinetes cobertos com poeira, de fôrma que não podessem as taboas serem levantadas sem os deslocar.

« William Eddy entrou então n'esse quarto, e, cinco minutos depois, uma figura mostrou-se no solslão da porta. Immediatamente depois, uma outra apparece, em seguida da qual um velho senhor, vestido á moda antiga, surgiu sobre a plata-fôrma, para instantes depois retirar-se. Depois sua mulher, uma velha pequena, sahio do quarto; depois um mancebo de espessos bigodes.

« Muitas pessoas mais appareceram antes de finalizar-se a sessão, e por fim *madame* Eddy, a fallecida mãe dos irmãos Eddy, veio fallar extensamente, deplorando a impotencia em que seus filhos se acham para convencer ao mundo da sua bôa fé e nutrindo a esperanza de vêr um dia os incredulos renderem-se a evidencia e comprehenderem a grande verdade.

« Brown elle mesmo anda em talas por argumento para explicar *produções* taes. »

Vovey, hotel Monnet, 27 de Dezembro de 1874.

Encontro em apoio do que vos escrevi ha dias relativamente aos irmãos Eddy, esses potentes mediums, cujas faculdades maravilhosas agitam hoje o mundo espiritualista da America, — encontro, digo eu, no *Spiritualist* de 25 de Dezembro, a narração seguinte, datada de New-York e assignada com o nome *H. Blavadski*, uma senhora russa que outr'ora a conheci no Caucaso, onde o marido occupava, ha 24 annos, pouco mais ou menos, o logar de governador civil de Erivan, na antiga Armenia. Recordo-me que a senhora de Blavadski fallava correntemente muitos idiomas da Transcaucasia, e posso garantir-vos a authenticidade, da sua assignatura, como da *côr local*, sorprendente de actualidade que abunda nas discripções dos fantasmas reconhecidos por ella em casa dos irmãos Eddy.

O artigo em questão appareceu no *New-York Graphic*. Eis a traducção exacta :

« Passei quinze dias em casa dos irmãos Eddy. — Reconheci plenamente, durante esse curto lapso de tempo, sete Espiritos,

no numero de cento e dezenove aparições diversas. Admitto ter sido unica em os reconhecer, porque os outros assistentes não me tendo acompanhado em minhas numerosas peregrinações pelo Oriente, não podiam os reconhecer; porém suas differentes vestimentas foram claramente vistas e minuciosamente examinadas por todas as pessoas presentes.

« O primeiro que appareceu foi um mancebo georgiano, vestido com habitos historicos do Caucaso. Reconheci-o e o interroguei, sobre questões sabidas sómente por mim, comprehendeu-me e respondeu a ellas. Por haver o coronel Olcott solicitado, pedi em sua lingua materna que nos tocasse a *Lesglinka* (uma dansa do Caucaso), elle executou-a na guitarra.

Segundo. « Um velho baixinho. Estava vestido ao gosto dos mercadores persas; sua vestimenta era exacta quanto possivel; detalhe algum faltava, até as chinellas do Levante, que deixou-as, para entrar só com meias, tal qual exige a ceremonial oriental. Elle me disse seu nome cochichando; é Hassan-Aga, um homem velho que eu e minha familia conhecemos durante vinte annos em Tiflis. Disse-me, metade em lingua georgiana, metade da lingua persa, que tinha *grande segredo para me confiar*, e tornou em seguida, experimentando em vão e acabar a phrase.

Terceiro. « Um homem athleta em um trem pitoresco dos guerreiros de Kurdistan. Não falla, mas comprimenta a oriental, com ar risonho e benevolente, brandindo a sua lança ornada de plumas. Reconheci-o immediatamente ser Saffar — Ali-Bek, um joven chefe da tribu *kurde*, que me acompanhava muitas vezes nas excursões que eu fazia a cavallo nos arrabaldes de Ararat, na Armenia, e que uma vez me salvou a vida. Mais ainda: abaixa-se á terra, como se ajuntasse um punhado de poeira e parecia esparzil-a em torno de si, comprimindo a mão sobre o peito, pantomina familiar as colonias *kurdes* sómente.

Quarta. « Um Circassiano. Julguei-me estar ainda em Tiflis, tão exacto era o seu costume de *noukéro* (classe de homem — ligio que vos segue ou vos precede á cavallo.) Este falla; ainda mais, corrigio-me quando, reconhecendo-o, pronunciei seu nome mal. Ouvindo-me repetil-o, saudou-me sorrindo e disse, em tartaro gutural o mais puro, essa lingua que me é tão familiar: *Tschokk yakhschi!* (Muito bem.) Depois deixou-nos.

Quinto. « Uma mulher velha com penteado russo. Ella dirigio-me a palavra em lingua natal, dando-me o nome de affeição com que me tratava em minha mocidade. Era uma antiga creada de minha familia, que foi áia de minha irmã.

Sexta. « Um preta-plata-fórma. Sua cara, semelhando-se a chame, me pareceram famosas das circumstancias contorsões vivas, e feitiçeiro d'Africa.

Septima e ultima. de preto a modada russa de Sant'Anna listada de amarello faltou para me salvar meu pai, posto essa emoção perguntei signal que não era *Não; sou teu tio!* foi ouvida distincto.

Minhas homenagens. Como é bella a Janeiro.

Recebi meus votos pelo novo vosso dedicado,

Diante de factos seculo marcará a fracção humana orgulhosos e os que nos rimos, h

Porque os

A doutrina encarar o futuro uma realidade; mais um systema Ergueu-se o véo realidade; não de uma concepção

Sexta. « Um preto, alto e possante, que se levanta sobre a plata-fórma. Sua cabeça é ornada por um penteado singular, semelhando-se a chifres riscados de branco e ouro. Seus traços me pareceram familiares, porém não me lembrava a principio das circumstancias em que o havia visto. Elle fez algumas contorsões vivas, que me ajudaram a reconhecê-lo por um feiticeiro d'África central. Caretêa um sorriso e desaparece.

Septima e ultima. « Um senhor alto de cabellos pardos, vestido de preto a moda da convenção. Traz ao pescoço a condecoração russa de Sant'Anna, atada por uma fita chamalotada vermelha listada de amarello, que todo o mundo da Russia conhece. Pouco faltou para me sentir incommodada, acreditando reconhecer meu pai, posto esse ultimo fosse mais alto ainda. Em minha emoção perguntei-lhe em Inglez se era elle. Fez com a cabeça o signal que não e respondeo em russo, tão claro quanto possivel: *Não ; sou teu tio!* A palavra *diadia* (que em russo significa *tio*) foi ouvida distinctamente por cada um e todos se lembram. »

Minhas homenagens respeitosas a madame Allan-Kardec. — Como é bella a photographia que publicasteis na *Revista* de Janeiro.

Recebei meu caro senhor Leymarie, com os meus melhores votos pelo novo anno, um cordial aperto de mão da parte de vosso dedicado,

Principe Emilio WITGENSTEIN.

Diante de factos d'essa ordem, é licito, esperar que o novo seculo marcará a terceira época da regeneração d'essa nossa fracção humana. A incredulidade abaixará a cabeça, os orgulhosos e os impios ficarão confundidos, e os que pensam que nos rimos, hão de um dia reconhecer a nossa seriedade.

Porque os espiritas não temem a morte.

A doutrina espirita muda completamente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hypothese, porém uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um systema, mas sim um resultado da observação. Ergueu-se o véo; o mundo espiritual apparece-nos em toda sua realidade; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa; são os proprios habitantes d'esse

mundo que nos descrevem a sua propria situação; ahí os vemos em todos os grãos da escala espiritual, em todas as phases da felicidade e da infelicidade; assistimos emfim a todos as peripecias da vida de além-tumulo. Essa a causa para os espiritas da calma com a qual encaram a morte, da serenidade de seus ultimos instantes sobre a terra. Não é somente a esperança que o sustenta, é a certeza; sabem que a vida futura é a continuação da vida presente em condições melhores, e esperam-na com a mesma confiança com que esperam o nascer do sol depois de uma noite tempestuosa. O motivo d'essa confiança estão nos factos que testemunham, e no accordo d'esses factos com a logica, com a justiça e bondade de Deus, e com as aspirações intimas do homem.

A alma para os espiritas não é mais uma abstracção; tem um corpo ethereo, que a transforma em um ser definido, que o pensamento abraça e concebe; já é muito para fixar as idéas sobre sua identidade, suas aptidões e percepções. A saudade dos que nos são caros repousa sobre cousa real. Não se os representa mais como flamulas fugitivas que nada recordam ao pensamento, mas sob uma fórmula concreta que nol-as mostra melhor como seres vivos. Demais, em vez de perdidos nas profundezas do espaço, estão em torno de nós; o mundo corporeo, e o espiritual estão em relações perpetuas, auxiliam-se mutuamente. Não sendo mais permittida a duvida sobre o porvir, o medo da morte não tem mais razão de ser; de sangue-frio vê-se-a vir como uma libertação, como a porta da vida — não como a do NADA.

Cuidar do corpo e do espirito.

Consiste a perfeição moral na maceração do corpo? Para resolver esta questão apoio-me sobre principios elementares, e coméço por demonstrar a necessidade de cuidar do corpo o qual, conforme as alterações de saude ou de molestia, influe de uma maneira muito importante sobre a alma, que é preciso consideral-a captiva na carne. Para que essa prisioneira viva, alegre-se e conceba mesmo as illusões da liberdade, o corpo deve estar são, bem disposto, alentado. Sigamos uma comparação: Eil-os ambos em perfeito estado; o que devem fazer para manter o equilibrio entre as suas aptidões e necessidades tão differentes?

Aqui dois systemas acham-se em presença : o dos asceticos, que querem terraplenar o corpo e o dos materialistas que querem rebaixar a alma : duas violencias tão insensatas quasi uma como outra. Ao lado d'esses grandes partidos formiga a numerosa tribo dos indifferentes que, sem convicções e sem paixões, amam com frieza e fruem com economia. Onde, pois, está sabedoria ? Onde, pois, está a sciencia de viver ? Em parte alguma ; e esse grande problema ficaria inteiro á resolver, se o espiritismo não viesse em auxilio dos investigadores demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma, dizendo-lhes que, visto necessitarem-se reciprocamente, é necessario cuidar de ambos. Amai, pois, a vossa alma, mas cuidai tambem do corpo, instrumento d'alma ; desconhecer as necessidades indicadas pela propria natureza, é desconhecer a lei de Deus. Não o castigueis pelas faltas que o vosso livre arbitrio o fez commetter, e das quaes é tão irresponsavel, como é o cavallo mal dirigido dos accidentes que causa. Tornar-vos-eis mais perfeitos se martyrisando o corpo, não vos tornardes menos egoista, orgulhoso e pouco charidoso para com o vosso proximo ? Não, a perfeição não consiste n'isso ; está toda inteira nas reformas que fizerdes experimentar o vosso Espirito, dobrai-o, submettei-o, humilhai-o, mortificai-o ; é o meio de tornal-o docil á vontade de Deus e o unico que conduz á perfeição. (GEORGES).

Os mediums.

(Vide Revista de Março, pag. 108.)

Mediums somnambulos. O somnambulismo póde ser considerado como uma variante da faculdade medianimica, ou para melhor dizer, são duas ordens de phenomenos que muitas vezes se acham reunidos. O somnambulo age debaixo da influencia do seu proprio Espirito ; é a sua alma que nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe fóra dos limites dos sentidos de relação ; o que externa, tira de si ; suas idéas são mais justas que no estado normal, seus conhecimentos mais extensos, porque sua alma está livre ; em uma palavra, vive por antecipação

da vida dos Espiritos. O medium, pelo contrario, é o instrumento de uma intelligencia estranha; é passivo, o que diz não vem de si. Em resumo, o somnambulo exprime seu proprio pensamento, o medium exprime o pensamento de um outro. Mas o Espirito que se communica com um medium, pôde tambem tornal-o somnambulo, e n'esse caso a communicação torna-se mais facil. Muitos somnambulos enxergam perfeitamente os Espiritos e os discrevem com tanta precisão como os mediums videntes; podem entreterem-se com elles e nos transmittir seus pensamentos; o que elles dizem, além dos conhecimentos pessoases, muitas vezes é suggerido por outros Espiritos.

A lucidez somnambulica é uma faculdade inherente ao organismo e completamente independente da elevação, do adiantamento e mesmo do estado moral do individuo. Um somnambulo pôde ser muito lucido e ser incapaz de resolver certas questões se seu Espirito é pouco adiantado. Aquelle que falla por si pôde dizer cousas boas ou más, precisas ou falsas, portar-se com mais ou menos delicadesa e escrupulos em seu proceder, conforme o gráo de elevação ou inferioridade de seu proprio Espirito; é n'esse caso que a assistencia de um Espirito pôde supprir a incapacidade; porém um somnambulo pôde ser assistido por um Espirito mentiroso, leviano, mesmo máo, tanto quanto pôde sel-o um medium; é n'esse caso que as qualidades moraes influem para attrair os bons Espiritos.

Mediums curadores. Esse genero de mediumnidade consiste principalmente no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples contacto, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de medicação. Podem dizer que é pelo magnetismo. Evidentemente o fluido magnetico executa n'esse caso grande papel; porém, examinando-se cuidadosamente esse phenomeno se reconhece, sem muita difficuldade, que ha alguma cousa mais. A magnetização commum requer um tratamento seguido, regular e methodico; n'esse caso as cousas passam-se de modo diverso. Todos os magnetizadores são aptos para curar sabendo-se conduzir convenientemente, em quanto que nos mediums curadores, a faculdade é expontanea e alguns a possuem sem jamais terem ouvido fallar sobre o magnetismo. A intervenção de uma potencia occulta, constitue a mediumnidade, e torna-se em certas circumstancias evidente.

Resposta dos Espiritos dadas ás seguintes perguntas:

Póde-se considerar as pessoas dotadas de potencia magnetica formando uma variedade de mediums ?

« Não podeis duvidar. »

Entretanto, o medium é um intermediario entre os Espiritos e os homens; ora, o magnetizador, sacando em si a propria força, parece não ser intermediario de potencia alguma estranha?

« E' um erro; a potencia magnetica reside sem duvida no homem, porém é augmentada pela acção do Espirito que elle chama em seu auxilio. Se magnetizares com a pura intenção de curar, por exemplo, e que evocares um bom Espirito que se interesse por ti e pelo teu doente, elle augmentará tua força e tua vontade, dirigirá teu fluido dando as qualidades necessarias. »

Ha, entretanto, muitos magnetizadores bons que não acreditam nos Espiritos?

« Pen-as por ventura que os Espiritos só agem sobre os que acreditam n'elles? Os que magnetizam para o bem são ajudados pelos bons Espiritos. Todo homem que nutre o desejo do bem chama os bons Espiritos sem pensar; assim como pelas más intenções chama os máos. »

Todo aquelle que tendo a potencia acreditar na intervenção dos Espiritos, procederá com mais efficacia?

« Fará cousas que tomareis como milagres. »

Certas pessoas possuem verdadeiramente o dom de curar pelo simples contacto, sem o emprego dos passes magneticos?

« Seguramente; não tendes d'isso exemplos numerosos?

Em que caso ha acção magnetica ou sómente influencia dos Espiritos?

« Em ambos. Essas pessoas são verdadeiros mediums, pois ellas agem debaixo da influencia dos Espiritos; mas isso não quer dizer que sejam mediums escriptores como o entendeis. »

Póde-se transmittir esse poder?

« O poder, não; porém o conhecimento das cousas necessarias para o exercicio quando se o possui. Alguns não acreditariam possuir esse poder, se não acreditassem em lhe ser elle transmittido. »

Póde-se obter curas pela oração?

« Sim, algumas vezes quando é servido á Deus; porém póde acontecer que o doente tenha de soffrer ainda, e então acreditai, a vossa oração não será ouvida. »

Ha para esse effeito fórmulas de orações mais proficuas do que outras?

« Só a superstição póde ligar virtude á certas palavras, e Espiritos ignorantes ou mentirosos são os unicos que podem entreter taes idéas prescrevendo fórmulas. Entretanto póde acontecer que, para as pessoas pouco esclarecidas e incapazes de comprehender as cousas puramente espirituas, o emprego de uma fór-

mula contribua para dar-lhe confiança, porém ainda assim não reside na fórmula a efficacia, mas na fé augmentada pela idéa ou ligada ao emprego da fórmula.

Mediums pneumatographos. Chamão-se assim os mediums aptos para obter a escripta directa, o que não é dado á todos os mediums escriptores. Essa faculdade é ainda muito rara ; provavelmente desenvolve-se com o exercicio, porém a sua utilidade pratica limita-se a comprovação patente da intervenção de uma potencia occulta nas manifestações. Só a experiencia póde fazer conhecer quem a possui. Conforme a maior ou menor potencia do medium, assim obtem-se simples traços, signaes, letras, palavras, frases e mesmo paginas inteiras escriptas. Ordinariamente basta collocar uma folha de papel dobrada em um logar qualquer ou designado pelo Espirito, durante dez minutos ou um quarto de hora ou mesmo durante mais tempo, para se obter o phenomeno da escripta directa. A oração e o recolhimento são condições indispensaveis durante os ensaios.

O mais simples dos meios de communicação dos Espiritos é a escripta, sendo o mais commodo, é o que melhor resultado apresenta debaixo do ponto de vista de utilidade e pratica. Se não fossem os mediums escriptores ou psychographos não possuiriamos colligidos os ensinios dos Espiritos. Não teriamos, além dos trabalhos em que tomou parte activa o immortal Allan-Kardec, tantos outros sobre litteratura e sobre moral que já formam uma soffrivel bibliotheca espirita. A um medium psychographo M^{mo} Collignon devemos ter J. B. Boustaing conseguido colligir os commentarios sobre os quatro Evangelhos dados pelos Evangelistas assistidos pelos Apostolos, essa obra monumental que reúne em tres volumes todo o espiritismo christão. Sendo, portanto, o meio pelo qual os Espiritos podem melhor revelar o seu gráo de perfeição ou de imperfeição, podendo por elle instruir-nos com seus pensamentos intimos, é o que devemos de preferencia buscar no intretimento com os habitantes de alem-tumulo. Por esse motivo vamos fazer o leitor conhecer a variedade de mediums psychographos.

Mediums mechanicos. São os que produzem a escripta tendo a mão dirigida pelo Espirito que se communica. A mão do individuo que sustenta o lapis ou a penna anda sem interrupção e contra a vontade do medium em quanto o Espirito tem o que dizer.

Esse phenomeno é caracterizado pela inconsciencia do medium em relação ao que está escrevendo ; a inconsciencia absoluta, é pois o que caracteriza os mediums passivos ou mech-

nicos. Esta faculdade é muito preciosa, porque não pôde deixar duvida alguma sobre a independencia do pensamento d'aquelle que escreve.

Todo analphabeto que produz a psychographia é medium mechanico.

Mediums intuitivos. A transmissão do pensamento tem tambem lugar por intermedio do Espirito ou alma do medium. O Espirito desincarnado ou estranho, n'esse caso, não actua sobre a alma do medium com a qual se identifica. A alma do medium, debaixo d'essa impulsão, dirige a mão e a mão dirige o lapis. Devemos notar que o Espirito estranho não se substitue a alma do medium, porque não a desloca do corpo; porém domina-a e contra a vontade d'ella, imprime a sua. N'essas circumstancias, não é absolutamente passiva a alma do medium; porque se por um lado recebe o pensamento do Espirito estranho por outro, é ella quem reflectindo o transmite; tanto assim que n'essa situação o medium tem consciencia do que escreve, posto não seja producto do seu proprio pensamento. O instrumento d'esta natureza é chamado *medium intuitivo*.

Se assim é, dirão, nada prova que seja um Espirito estranho que faça escrever, antes parece que os pensamentos externados, n'esse caso, por meio da escripta são do proprio individuo que sustenta o lapis ou a penna. A discriminação não é facil fazer, é mesmo assás difficil na generalidade dos casos. Entretanto, pôde-se reconhecer o pensamento suggerido; verbi-gratia, quando nos vem um pensamento de uma cousa em que nunca pensamos, que nos vem no proseguimento da escripta, e contrario ás nossas idéas, e que esse pensamento actua com vehemencia sobre nós, e principalmente quando se acham fóra dos nossos conhecimentos habituaes, da nossa capacidade intellectual.

O papel do medium mechanico é o de uma machina, o do medium intuitivo assemelha-se ao de um interprete. Vemos, pois, que o medium intuitivo para bem transmittir o pensamento suggerido por um Espirito necessita comprehendel-o, de alguma sorte apropriar-se d'elle para o traduzir fielmente. O pensamento do Espirito atravessa o cerebro do medium. Passa-se n'esse caso um phenomeno que só a pratica e o longo exercicio, pôde habilituar o medium intuitivo á conhecer, quando o pensamento lhe é suggerido ou quando é o resultado de suas proprias faculdades.

Mediums semi-mechanicos. Os mediums mechanicos têm o movimento da mão independente da vontade; no medium intuitivo o movimento é voluntario e facultativo, no medium semi-

mechanico participa de um e de outro dos dois movimentos. Sente uma impulsão, entrega a mão á seu pesar, começa a traçar alguns caracteres para a formação de uma palavra, sem consciencia de qual seja, porém após essa circumstancia, vem ao pensamento a palavra e elle por sua vontade a completa.

Mediums inspirados. Todas as pessoas que no estado normal, ou no de êxtasis, recebe pelo pensamento communições estranhas as suas idéas preconcebidas, pódem ser classificadas na cathegoria dos *mediums* inspirados; são portanto, esses uma variedade dos *mediums* intuitivos, com a differença de ser maior a difficuldade em se reconhecer a intervenção de uma potencia occulta, porque, é mais difficil reconhecer-se os pensamentos suggeridos. O caracter distinctivo dos *mediums* d'essa cathegoria é a espontaneidade.

A inspiração nos vem dos Espiritos que nos influenciam para o bem ou para o mal, porém o mais das vezes partem dos que são benevolentes para conosco e dos quaes não seguimos os conselhos. A inspiração tem logar em todas as circumstancias da nossa vida, sempre que temos de tomar uma resolução; debaixo d'esse ponto de vista, póde-se dizer que todos somos *mediums*, porque não ha quem não tenha seus Espiritos protectores e familiares que se esforçam em suggerir aos seus protegidos salutaes pensamentos. Se todo o mundo estivesse compenetrado d'essa verdade, todos buscariam o soccorro do seu anjo da guarda, nos criticos momentos da vida. Evoquem-no com *fervor* e *confiança* nos casos de necessidade, e hão de vêr como por encanto surgirão idéas para fazer desapparecer as difficuldades, quando tiverem por movel as puras intenções.

N'essa mesma cathegoria de *mediums* pódem ser classificadas as pessoas que, não dotadas de alta intelligencia e sem sahirem do estado normal, têm clarões de lucidez intellectual que momentaneamente dão-lhes facilidade não acostumada de concepção e de elevação em certos casos, bem como o presentimento das cousas futuras. Nos momentos de inspiração as idéas abundam, seguem-se, encandeam-se, como que por si mesmo por assim dizer, ou por uma impulsão involuntaria e quasi febril; parece-nos que n'esses casos uma intelligencia superior á nossa vem auxiliar-nos.

Os homens de genio de todos os generos, artistas, sabios, são sem duvida Espiritos adiantados, capazes por si mesmos de comprehender e conceber grandes cousas; ora, é por isso precisamente que os Espiritos que desejam o complemento de certo

trabalhos lhes suggerem as idéas necessarias, e assim são elles muitas vezes *mediums sem o saber*.

Respostas ás seguintes perguntas :

Qual a causa primitiva da inspiração ?

« O Espirito que se communica pelo pensamento. »

A inspiração só tem por objecto a revelação de grandes causas ?

« Não, muitas vezes tem referencia a cousas mais triviaes da vida. Por exemplo, queres ir em um logar : uma voz secreta te diz, não vás, porque corres perigo, ou diz faças alguma cousa na qual não pensavas :—é a inspiração. Ha bem poucas pessoas que deixam de ser inspiradas em certos momentos. »

Um actor, um pintor, um musico por exemplo, nos momentos de inspiração pôdem ser considerados *mediums* ?

« Sim, n'esses momentos as almas d'elles acham-se mais livres e como que desprendidas da materia ; recobram em parte as faculdades de Espirito, e recebem mais facilmente as communicações dos outros Espiritos que as inspiram. »

Mediums de presentimentos. O presentimento é a vaga intuição das consas futuras. Certas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida ; pôdem-n'a dever a uma especie de dupla vista que lhes permite antever os acontecimentos ; porém muitas vezes é o resultado de communicações occultas, e é n'esse caso principalmente que se pôde dar aos que produzem esse phenomeno o nome de *mediums de presentimentos*, os quaes constituem uma variedade dos *mediums inspirados*.

A natureza das communicações está de harmonia com a do Espirito que se communica, e todas ellas trazem o cunho da elevação ou da inferioridade do communicante, do seu saber ou de sua ignorancia ; entretanto, em igualdade de merito, no ponto de vista jerarchico, ha incontestavelmente Espiritos propensos em se occuparem de preferencia de uma cousa do que de outra. Os Espiritos batetores, por exemplo, jamais sabem das manifestações physicas ; entretanto entre os que dão manifestações intelligentes ha poetas, musicos, desenhadores, moralistas, historiadores, medicos, etc.

Fallamos dos Espiritos de ordem média, porque, chegando á um certo ponto, as aptidões se confundem na unidade da perfeição. Resulta, pois, ao lado da aptidão do Espirito, a do *medium* que é instrumento mais ou menos commodo, mais ou menos flexivel, conforme descobre n'elle o Espirito qualidades particulares que nós não podemos apreciar.

Tomemos uma comparação : Um musico habil tem diante de

si varios instrumentos do mesmo genero, todos perfeitos, entretanto, depois de os experimentar elle escolhe um por ser o que melhor o agradou. A razão d'essa preferencia nós ignoramos, pois qualquer dos instrumentos nos parece magnifico; entretanto, o artista consummado faz a differença que outro qualquer não póde fazer. O mesmo acontece na escolha de um medium pelo Espirito que se quer communicar. Quantas vezes vê-se pessoas escreverem, como mediums, magnificas poesias e nas condições ordinarias não fazerem um verso; outros que, bons poetas nas condições ordinarias, como mediums não escrevem senão prosa, posto façam grande esforço para obter poesias. O mesmo acontece em relação á musica, o desenho, etc. Pessoas ha que sem terem conhecimentos scientificos, têm aptidão particular para receberem communicações doutas; outras que prestam-se a communicações historicas; outras são melhores interpretes dos Espiritos moralistas; em uma palavra, qualquer que seja a flexibilidade do medium, as communicações que com mais facilidade recebe geralmente têm um certo cunho especial; alguns ha que não sahem de um certo circulo de idéas, e quando se afastam de um tal circulo, as suas communicações são incompletas e muitas vezes falsas. Fóra das causas de aptidão, os Espiritos se communicão de preferencia por esse ou aquelle intermediario, conforme suas sympathias. Assim, em igualdade de circumstancia um Espirito será muito mais explicito com certos mediums, unicamente por melhor lhe convir.

Será, pois, erro acreditar que pelo simples facto de se ter um bom medium psychographo possa-se obter communicações de todos os generos. Sem contradicção o que primeiro devemos fazer é assegurar-nos da qualidade do Espirito que se communica; porém, não é menos necessario conhecer a natureza do instrumento que se entrega ao Espirito, porque são esses os dois elementos essenciaes para se obter resultados satisfactorios. Ha um terceiro dado que representa papel importantissimo que vem ser a intenção, o pensamento intimo, o sentimento mais ou menos louvavel do evocador, e isso se concebe: *Para que uma communicação seja boa é preciso que emane de um bom Espirito; para que esse Espirito POSSA transmittil-a, é preciso um bom instrumento; para que elle QUEIRA transmittil-a é preciso que o fim seja conveniente.* O Espirito que lê no pensamento (empregamos esta phrase para fazermo-nos comprehender) julga se a questão que se lhe propõe merece uma resposta séria, e se a pessoa que a dirige é digna de recebê-la; em sentido contrario, não perde o

tempo em semear bons grãos em máo terreno. São n'estas circumstancias que os Espiritos levianos e zombeteiros intrometem-se em dar respostas, porque, pouco se importam com a verdade, e pouco escrupulisam em pregar petas sempre que acham occasião.

Ha, pois, comprehendidos nas duas grandes divisões de mediums, isto é, NOS MEDIUMS DE EFEITOS PHYSICOS E NOS MEDIUMS DE EFEITOS INTELLIGENTES, OS que se chamam mediums especiaes e dos quaes vamos tratar.

OS MEDIUMS DE EFEITOS PHYSICOS são os que têm o poder de provocar efeitos materiaes ou manifestações ostensivas.

OS MEDIUMS DE EFEITOS INTELLIGENTES são os especialmente proprios para receber e transmittir communicações intelligentes.

Verdade é que, analysando-se os differentes phenomenos produzidos debaixo da influencia medianimica, encontrar-se-ha em todos um efeito physico, assim como muitas vezes nos proprios efeitos physicos ha efeito intelligente. O limite entre os dois é algumas vezes embaraçoso para se descriminar, porém isso pouco importa.

Denominam-se *mediums de efeitos intellectuaes* os que especialmente servem de intermediarios nas communicações regulares e continuas.

Mediums sensitivos; pessoas susceptiveis de sentirem a presença dos Espiritos por uma impressão geral ou local, vaga ou material. A mór parte distinguem os Espiritos bons dos máos pela natureza da impressão.

« Os mediums delicados e muito sensiveis devem se abster de communicarem-se com os Espiritos violentos ou dos quaes a impressão é penosa, por causa da fadiga que d'isso resulta. »

Mediums naturaes ou *inconscientes*; são os que produzem os phenomenos espontaneamente sem participação de sua vontade e o mais das vezes sem ter consciencia.

Mediums facultativos ou *voluntarios*; os que têm a potencia de provocar os phenomenos pelo acto da vontade.

« Qualquer que seja essa vontade, nada póde se os Espiritos recusam o auxilio; isso prova a intervenção de uma potencia estranha. »

Mediums typtoes; os que por sua influencia produzem ruidos, pancadas. Variedade muito commum, com ou sem vontade.

Mediums motores; os que produzem o movimento dos corpos inertes. Muito communs. *Mediums de transladação e de suspensão*; os que produzem a transladação e a suspensão dos corpos iner-

tes no espaço sem ponto de apoio. Alguns ha que levantam o seu proprio corpo. Mais ou menos raros conforme o desenvolvimento do phenomeno, Santo Copertino foi medium d'esse genero. Ora, se a suspensão, deslocamento dos corpos, etc, são artes diabolicas como a Igreja canonisou S. Copertino ?

Não fazemos esta interrogação com a intenção de molestar os representantes da Igreja. Hoje em dia contam-se muitos padres espiritas. A jerarchia, qualquer que ella seja, na terra, não torna a creatura humana infallivel.

Mediums de efeitos musicaes ; provocam o toque de certos instrumentos sem contacto. Muito raros.

Mediums de aparições ; os que podem provocar aparições fluidicas ou tangiveis, visiveis para os assistentes. Muito excepcionaes.

Mediums de transportes ; os que podem servir de auxiliares aos Espiritos para a transposição de objectos materiaes. E' uma variedade dos mediums motores e de transladação. Excepcionaes.

(*Continúa.*)

ERRATAS DO N. 3

- Pag. 83, linha 19.... foi ter.... lêa-se : « foram ter.... »
- Pag. 97, linha 26.... a causa.... lêa-se : « as causas.... »
- Pag. 91, linha 28.... repercursão.... lêa-se : « repercussão.... »
- Pag. 98, linha 23.... do facto.... lêa-se : « do jacto.... »
- Pag. 99, linha 8.... Arabe segurou.... lêa-se : « Arabe que segurou.... »
- Pag. 99, linha 37.... de oiro e seda pantomima.... lêa-se : « de oiro, uma pantomima.... »
- Pag. 103, linha 3.... mediums das.... lêa-se : « mediums dos.... »
- Pag. 104, linha 4.... sem que tenha.... lêa-se : « sem que tenham.... »
- Pag. 104, linha 6.... d'elle não lhe parecem.... lêa se : « d'elles não lhes parecem.... »
- Pag. 104, linha 7.... acontece nas pessoas.... lêa-se : « acontece como as pessoas.... »
- Pag. 104, linha 23.... do porte.... lêa-se : « da parte.... »
-